

A ÚLTIMA OBRA  
DO POETA  
AFONSO LOPES VIEIRA





RETRATO DE AFONSO LOPES VIEIRA, POR COLUMBANO

A ÚLTIMA OBRA  
DO POETA  
AFONSO LOPES VIEIRA



**P**UBLICAM-SE neste livrinho os textos escolhidos para os bilhetes postais das colecções que Afonso Lopes Vieira ideou e às quais deu os nomes de «Conheça a sua Poesia» e «Conheça os seus Prosadores».

Como surgiu essa ideia e como ela se corporizou é a pequena história que pode ler-se nas breves linhas que se seguem, escritas por quem, da parte dos C. T. T., acompanhou nesta realização o grande e saudoso Português.

## A ÚLTIMA OBRA DO POETA AFONSO LOPES VIEIRA

**C**ERTO dia de 1945, em conversa ocasional com Afonso Lopes Vieira, disse-lhe que estava encarregado pela Administração Geral dos C. T. T. de orientar as novas séries de bilhetes postais ilustrados, com motivos portugueses, e pedi a sua opinião sobre alguns monumentos que interessaria focar em especial. Respondeu-me com vivo interesse; mas, de repente, deixou os monumentos e, com aquela fala ligeiramente hesitante e desprendida que lhe dava tempo para achar a expressão justa e dizê-la sempre em ritmo belo e saboreado, disse-me isto: «Se você estiver com o Administrador Geral pergunte-lhe se quer fazer uma colecção de postais à semelhança dos «Conheça a sua Terra», com uma selecção de poesias. Uns vinte postais chegam. Eu podia fazer a escolha dos textos».

Logo lhe declarei que transmitiria o seu desejo. Não sei

se ele viu o pouco entusiasmo com que lho disse. Na verdade, eu não duvidava do bom acolhimento da Administração Geral — mas, por motivos óbvios — e, principalmente, pelo meu desconhecimento das pessoas — não estava tão seguro do interesse das instâncias superiores. Nessa altura, como ele também — e como mais tarde mo disse — eu não imaginava «o que o Estado pensa da poesia».

Rapidamente, porém, o meu optimismo appareceu e se consolidou, e, embora bastante mais tarde, o dele também. Porque a resposta superior veio, com a agradada aceitação da ideia e a sugestão dela ser alargada a uma outra colecção — a dos prosadores. Para dirigir essa colecção era convidado o illustre criador da primeira.

Foi claro para mim que esta concordância superior, tão rápida e larga, se deveu à compreensão com que o Sr. Administrador Geral viu o valor e a projecção enorme desta iniciativa.

Quando dei a Afonso Lopes Vieira a notícia da rasgada aceitação da sua ideia — recebeu-a com a sua fleuma habitual. Mas senti bem que lhe tinha dado uma grande alegria. Eu também a tive.

Aceitou com gosto, e «em princípio» — ainda com alguma desconfiança no resultado. Estávamos a 15 de Agosto. Mandou-me dizer que ia trabalhar e que esperava obter os textos dentro de algumas semanas. Mas, apenas dois dias eram passados já me escrevia: «A tarefa é tão fácil que

lhe envio aqui os primeiros doze originais, reservando para de aqui a dias os restantes. Eu tinha isso no sangue»...

Vieram todos os outros originais com rapidez. «Sempre tive a mania de pôr impaciência nas coisas que me proponho fazer, embora depois as reflecta com posso». Esta sua frase define luminosamente a intensidade da colaboração, o vai-vem incessante das provas, sucessivamente vistas, revistas, alteradas, várias vezes substituídas. Não demorava nunca as respostas «para não ter a impressão de atrasar», e pedia igual presteza da minha parte, querendo sempre, com as provas que lhe mandava, a minha crítica, tão pobre e desautorizada.

A tarefa não era tão fácil como lhe parecera a princípio, pela exigência da síntese e pela necessidade de se equilibrarem os ciclos literários. Foi levado, por essas necessidades, a alargar a vinte e cinco o número de postais de cada colecção.

Acompanhando algumas alterações, que estavam longe de ser as últimas, escrevia-me: «Não sei se agora atingimos um equilíbrio perfeito. Em trabalhos destes é preciso *sofrer* até ao fim — para não deixar, aliás, de sofrer até no fim».

E é bem certo. Mostrou-me ele, duma vez, em S. Pedro de Moel, um volume da «Paixão de Pedro o Cru» que estava anotando e corrigindo quase página a página; a 2.<sup>a</sup> edição sairia mais depurada, mais simples ainda na sua forma literária. Na verdade «punha impaciência e punha reflexão» nestas coisas. Era um Artista. Também como Artista — e não como mero historiador da literatura — ele tratava agora

da selecção dos textos para os postais, com a mesma paciência e a mesma demorada reflexão com que tratava os seus livros.

Quando aludi à possibilidade dos bilhetes postais se imprimirem a duas cores, supôs por esse facto que iria fazer-se uma edição de luxo e alarmou-se. Isso desnaturava o seu pensamento. A edição que ele ideava era análoga à da série «Conheça a sua Terra», de postais ordinários — aliás também a duas cores. Queria uma edição para o Povo, e não uma edição luxuosa.

A impressão a duas cores estava, porém, nas possibilidades da Casa da Moeda e sem agravamento do custo — e permitia uma apresentação mais cuidada. Concordou, e procurámos explorar essas possibilidades. De estudo em estudo, chegou-se à apresentação definitiva. Em vez do selo «Caravela» foi aceite, superiormente, ainda uma ideia de Afonso Lopes Vieira: a da criação de selos especiais (apenas para esta edição) com as cabeças de Camões e do Padre Vieira «que se ligam à Poesia e à Prosa portuguesas, como Padroeiros».

A impressão foi feita na Casa da Moeda, decisão tomada com o maior agrado de Afonso Lopes Vieira, que estimava muito os estabelecimentos gráficos oficiais.

A composição foi porém feita, e por sua lembrança, na Imprensa Nacional, onde ele era especialmente querido dos

tipógrafos, com os quais convivera quando da edição nacional dos Lusíadas, por ele criada e dirigida.

Afonso Lopes Vieira era um visual. «Príncipe de visuais» lhe chamou o Dr. Celestino Gomes e com razão. A beleza das suas frases era sublinhada pela aristocracia heráldica da escrita. Um vulgar bilhete saía da sua mão com uma distinção de proporções e certa especial elegância de talhe caligráfico que ele cultivava com satisfação.

O seu gosto pelas graças da tipografia clássica levava-o a preferir os caracteres serenos dos Elzevires, dos Garamonds e dos Bodoni a quaisquer outros. O elzevir da edição Nacional dos Lusíadas era o seu grande favorito. Esse mesmo foi adoptado e se foi buscar à Imprensa Nacional, e nele se compuseram os textos que serviram para o estudo e as revisões.

Infelizmente as matrizes da Imprensa Nacional estavam cansadas; e quando se quiseram obter provas afinadas para o «fotolito» da Casa da Moeda, verificou-se que elas não estavam nas condições requeridas para um bom trabalho. Havia vantagem técnica em novas composições.

Mas Afonso Lopes Vieira já nos tinha deixado, nessa altura. E aquelas provas tinham sido tão revistas, tão amorosamente estudadas, pesadas e sentidas por ele, que houve um grande escrúpulo em as repetir. Continuou-se o trabalho com elas, beneficiando-as, uma a uma, por transportes fotográficos sucessivos e retoques minuciosos da letra. Isso explica em parte — o resto deve-se a excesso de trabalho na Casa da Moeda — a demora havida numa edição que todos tinham o maior empenho em fazer sair depressa.

Vão sair agora os postais, e saem exactamente, rigorosamente, como foram vistos por Afonso Lopes Vieira.

A um mês da sua morte, quando mandava novas correções às provas, em bilhetes postais onde apunha o seu timbre famoso «o búzio e a vieira», carimbados a verde e dourados por sua mão, com certo lápis preferido, escreveu: «desejaria ver provas corrigidas nestas derradeiras emendas. «Mas haverá emendas derradeiras?»...»

Deus quis que houvesse. Foram essas mesmo.

Foi este o último trabalho de Afonso Lopes Vieira, trabalho apaixonado, sentindo bem no bilhete postal a possibilidade duma irradiação e duma penetração no Povo que o Livro e a Revista não possuem. Foi a sua última obra, que ele não escreveu, mas que não deixou de ser, por esse facto, obra dum Poeta.

Falava muito nesta tarefa aos seus íntimos, e com orgulho em ver lançar a ideia de vulgarização da poesia, pela primeira vez no Mundo, pela Administração Postal Portuguesa.

De S. Pedro escrevia-me: «Foi o único trabalho, este dos postais, que consegui fazer desde que vim e me soprou um vento tormentoso, até em assuntos literários, para completar o quadro desagradável. Mas o prazer desta colaboração compensa do *mau estilo* doutras em que imprudentemente (e por motivos patrióticos) me deixei cair e me indispõem a alma e o estômago».

Não esmoreceu este interesse até ao fim da sua vida. Nas vésperas de nos deixar, mal dando acordo de si, perguntava ainda a quem lhe assistia «se tinham telefonado e dito como iam os postais»...

Foi esta a última obra de Afonso Lopes Vieira. E entre os serviços por ele prestados à sua Pátria, não foi decerto o mais pequeno.

Afonso Lopes Vieira foi, acima de tudo, um Artista, no mais puro, nobre e alto significado desta palavra. A obra de Arte é sempre uma obra de carácter. E poucas pessoas me foi dado conhecer com mais vincada personalidade do que Afonso Lopes Vieira.

Nesse carácter tão marcado, a qualidade que sempre me pareceu mais evidente foi a independência.

Frequentou Coimbra, quando algumas correntes literárias francesas — que sempre se têm reflectido entre nós — arrastavam a mocidade entusiasmada.

Só ele foi excepção. Só ele, contra a maré, se dedicou ao estudo gratuito e gostoso dos Clássicos. Vem já desse tempo a sua dedicação e o seu amor a Camões, amor e dedicação que se foram afirmando, cada vez mais, até ao fim da vida. Foi em Camões e Gil Vicente, «seu mano», como ele dizia, que se corporizou o seu amor intenso e fidelíssimo à Língua Portuguesa, que o mesmo é dizer — a Portugal.

Dizem que os Poetas adivinham o Futuro. Afonso Lopes

Vieira adivinhou-o, indo buscar as raízes da sua descoberta aos Antigos que ele «descobriu» também.

Este adivinho do futuro «adivinhou» o Passado, através do seu lúcido espírito de Poeta, limpando-o, clarificando-o, depurando-o da compreensão corrente no seu tempo, académica e grandiloquente. Onde outros viam poeira suja e quente, viu ele neblina translúcida e fresca. O que então se dizia da Pátria, em tropos empolados ou cavernosos, disse-o ele com cristalina e radiosa simplicidade.

Um outro Grande, António Sardinha, chamou-lhe «Preceptor da Sensibilidade Portuguesa», e Afrânio Peixoto — «Condestável das letras lusitanas».

Foi, na verdade e substancialmente, um Artista de alta estirpe. Um Homem assim é sempre um Apóstolo, um educador, na expressão pura, cheio do desejo de comunicar, de orientar, uma Pessoa que da sua própria Pessoa faz uma dádiva constante.

«Dar-se, foi sempre a suprema ambição deste homem» — escreveu a seu respeito, lapidarmente, o Poeta Américo Cortez Pinto.

Deu a sua sensibilidade aos pequeninos, em pequenas obras primas — e aos grandes em livros que são lições do mais puro Amor a Portugal. Essas foram as suas maiores dádivas. Mas deu também o seu Pão e o seu Lar a dezenas de criancinhas do seu bairro, que ele e a Ilustre Senhora que foi a sua Mulher educavam, quase anónimamente. Deu, em

Fátima, o seu amor cristão aos enfermos. E deixou, por fim, a sua Mulher, o encargo de entregar já, à formação da Juventude, o presente sem par da sua maravilhosa casa de S. Pedro de Moel.

Este Homem Superior impressionava quantos o viam e seduzia quantos o conheceram de perto. Um feitio aparentemente «blasé» e distante, uma constante elegância de modos, de vida, de atitudes, tanto mentais como morais — e até físicas — uma singeleza fidalga, um «luxo franciscano», onde a simplicidade era filtrada por um gosto apuradíssimo e a riqueza se mostrava sempre tão discreta — tudo isto convergia numa ideia, que era obsessão: o amor a Portugal, ao seu Povo sempre tão vicentino, e a tudo quanto ao Povo legitimamente pertencia. Amava tanto o Povo quanto detestava a multidão. Para aquele, o simples lirismo cantante do seu verbo, quer em prosa, quer em verso. A esta, só a atingem as frases retumbantes e vociferadas, que ele desprezava — ou repelia.

A sua linguagem não dissimulava, é verdade, mas não mostrava a fortaleza do coração viril e destemido do trovador que ele era; e tão português, tão dentro do feitio nacional, brando, suave, todo em meias tintas, todo guitarras e sonho — feitio que não deixa adivinhar facilmente aos estranhos o latente potencial de valentia que construiu a Nação e a mantém.

Assim se compreenderá talvez melhor o gosto com que ele trabalhou nos postais; era uma obra que ia direita ao Povo, para desinteressadamente o servir.



Assim se compreende como ele, a uma pergunta que se lhe fez, respondesse: «quanto a remuneração, quero duas colecções de postais. Fiz isto por gosto e aliviou-me a nevríte»... Elegância, galantaria, pudor de alegar serviços.

Faleceu Afonso Lopes Vieira em 25 de Janeiro de 1946. Nasce no espírito de todos a ideia de se acrescentar a cada colecção que ele criara, um texto do seu criador. O Dr. Hipólito Raposo, grande íntimo do Poeta e também ilustre homem de letras, acedeu a escolher os versos e o trecho de prosa com que a Administração Geral dos C. T. T. traz uma homenagem à memória do seu Grande Colaborador. Mas muito mais grata ao seu espírito foi, certamente, o saber com que largueza a sua iniciativa foi compreendida pela Administração Geral, fixando-se em vinte milhões a tiragem destes postais.

Vinte milhões de postais, com bocadinhos de ouro dos nossos Poetas e dos nossos Escritores — que parece brilharem mais ainda assim isolados do que em livro — hão-de passar sob os olhos distraídos ou interessados de quarenta milhões de pessoas; é impossível admitir-se que, de tão vasta sementeira, nada resulte. Antes se pode bem prever que, para muitos, alguns grandes nomes da nossa literatura vão passar a ser lidos e amados e deixar de ser conhecidos apenas de ouvido.

Para alguns, serão os postais lembranças do que já leram

— mas para a maioria das pessoas eles serão verdadeiras revelações.

.....

«E os que nos amem, que por cá ficarem mais nos amam depois, tendo saudades», escreveu Afonso Lopes Vieira, profeticamente, num dos seus primeiros livros.

Morreu o Poeta. E é assim, como ele disse. Os que o amaram, parece que mais o amam agora. É assim.

É com uma grande saudade que evoco a sua memória e a sua figura gentil, tal qual a vi, certa manhã outoniça, de camisola nazarena, cabelo solto à brisa do mar, sobre as arribas luminosas de S. Pedro, recitando, para mim e para um pescador amigo, versos inéditos.

Era bem o Condestável das letras, ilustrando, num momento, aquela quadra maravilhosa que foi o lema de toda a sua vida:

Foi por amor de ti, terra formosa,  
Por te amar com tão fundo sentimento,  
que fui prégador, e em prosa,  
fiz meus sermões de Admiração ao vento...

M. B.



CONHEÇA OS SEUS  
PROSADORES

CONHEÇA OS SEUS  
PROSADORES

CONHEÇA OS SEUS  
PROSADORES

BILHETE  
POSTAL  
PORTUGAL-CORREIO  
\$30

CONHEÇA A SUA  
POESIA

CANTIGA DE AMOR

Ai eu coitada!  
Como vivo em gran cuidado  
por meu amigo  
que hei alongado  
Muito me tarda  
o meu amigo na Guarda!

Ai eu coitada!  
Como vivo en gran desejo  
por meu amigo  
que tarda e non vejo!  
Muito me tarda  
o meu amigo na Guarda!

EL-REI D. SANCHO I  
(Séc. XIII)

BILHETE  
POSTAL  
PORTUGAL-CORREIO  
\$30



SELO E TEXTOS

DOS BILHETES POSTAIS DA COLECÇÃO

« CONHEÇA A SUA POESIA »



CONHEÇA A SUA POESIA

CANTIGA DE AMOR <sup>I</sup>

Ai eu coitada!  
Como vivo en gran cuidado,  
por meu amigo  
que hei alongado!  
Muito me tarda  
o meu amigo na Guarda!

Ai eu coitada!  
Como vivo en gran desejo  
por meu amigo  
que tarda e non vejo!  
Muito me tarda  
o meu amigo na Guarda!

EL-REI D. SANCHO I  
(Séc. XII)

CANTIGA DE AMOR

— Ai, flores, ai flores do verde piño,  
se sabedes novas do meu amigo?  
Ai, Deus, e u é?

Ai, flores, ai flores do verde ramo,  
se sabedes novas do meu amado?  
Ai, Deus, e u é?

... — Vós me preguntades polo voss' amigo?  
E eu ben vos digo que é sã'e vivo.  
— Ai, Deus, e u é?

... — E eu ben vos digo que é viv'e sano  
e será vosc' ant' o prazo pasado.  
— Ai, Deus, e u é?

EL-REI D. DINIS  
(Séc. XIII)

e u é? = e onde está?

---

---

ALVORADA

Levantou-se a velida,  
levantou-s'alva,  
e vai lavar camisas  
en o alto:  
vai-las lavar alva.

... O vento lhas desvia,  
levantou-s'alva,  
meteu-s'alva en ira  
en o alto:  
vai-las lavar alva.

EL-REI D. DINIS  
(Séc. XIII)

velida = formosa

---

---

CONHEÇA A SUA POESIA

4

BAILADA

Bailemos agora, por Deus, ai velidas,  
so aquestas avelaneiras frolicas,  
e quen fôr velida como nós, velidas,  
se amigo amar,  
so aquestas avelaneiras frolicas  
verrá bailar.

Bailemos agora, por Deus, ai loadas,  
so aquestas avelaneiras granadas,  
e quen fôr loada como nós, loadas,  
se amigo amar,  
so aquestas avelaneiras granadas  
verrá bailar.

JOAN ZORRO

(Séc. XIII)

velidas=formosas  
loadas=louvas  
so=sob  
verrá=virá

CONHEÇA A SUA POESIA

5

CANTIGA

... Mia ventura  
en loucura  
me meteu de vos amar;  
é loucura  
que me dura,  
que me non poss'eu quitar,  
ai fremosfera sem par!

Leonoreta,  
fin roseta,  
bela sôbre toda fror,  
fin roseta,  
non me meta  
en tal coita voss'amor!

JOÃO DE LOBEIRA

(Séc. XIII)

CONHEÇA A SUA POESIA

6

DA «NAU CATRINETA»

- ... — Sobe, sobe, marujinho,  
àquele mastro real!  
Vê se vês terras de Espanha,  
areias de Portugal!  
— Alvissaras, capitão,  
meu capitão general!  
... — Que queres tu, meu gageiro,  
que alvissaras te hei-de dar?  
... — Capitão, quero a tua alma  
para comigo a levar.  
— Renego de ti, demónio,  
que me estavas a atentar!  
A minha alma é só de Deus,  
O corpo, da água do mar.

ANÓNIMO

CONHEÇA A SUA POESIA

7

QUADRAS POPULARES

A bôca do meu amor  
é uma rosa fechada;  
hei-de abri-la com beijinhos,  
depois de abri-la, cheirá-la.

Aqui tens meu coração,  
se quiseres matá-lo podes:  
olha que estás dentro dêle  
e, se o matas, também morres.

Chamaste-me tua vida,  
eu tua alma quero ser:  
a vida acaba co'a morte,  
a alma não pode morrer.

CONHEÇA A SUA POESIA

8

CANTIGA MODERNA  
AO JEITO ANTIGO

A minha saia de paninho fino  
não ma deu cunhado nem primo,  
ora que ma deu o meu lindo amigo.

A minha saia de pano delgado  
não ma deu primo nem cunhado,  
ora que ma deu o meu lindo amado.

ANÓNIMO

CONHEÇA A SUA POESIA

9

[O LAVRADOR E O CLIMA]

— De que te queixas, vilão?  
— De Deus, que é coisa provada  
Que me tem grande tenção.  
... Vêde vós? Eu, padre, digo  
Que tempere a internada  
E leixe criar o trigo.  
Mas êle, de tençoeiro,  
Sem ganhar nisso ceitil,  
Vai dar chuvas em Janeiro  
E geadas em Abril  
E calmas em Fevereiro  
E névoas no mês de Maio  
E meado Julho, pedra!

GIL VICENTE  
(Séc. XVI)

*Da Romagem de agravados*



CONHEÇA A SUA POESIA

---

10

[O SERAFIM E O PASTOR]

*Pastor*—... anjo de Deus,  
Quando partistes dos céus  
Que ficava êle fazendo?

*Serafim*—Ficava vendo o seu gado.

*Past.*—Santa Maria! Gado há lá?  
Oh! Jesu! Como o terá,  
O Senhor, gordo e guardado!  
E há lá boas ladeiras  
Como na Serra d'Estrêla?

*Ser.*—Sim.

*Past.*—... E a Virgem que faz ela?

*Ser.*—A Virgem olha as cordeiras  
E as cordeiras a ela.

GIL VICENTE

(Séc. XVI)

*Do Auto da Feira*

---

---

CONHEÇA A SUA POESIA

---

11

DA ÊCLOGA «CRISFAL»

Quem pudera suspeitar  
que no amor e na fé  
me havieis de faltar!  
Mas, pôsto isto assim é,  
Tudo é para cuidar.

Pois, por mais mal que se guarde,  
sempre será meu amor.  
como a sombra, enquanto eu fôr:  
quanto vai sendo mais tarde  
tanto vai sendo maior.

CRISTÓVÃO FALCÃO

(Séc. XVI)

---

---

ROMANCE

Ao longo de uma ribeira  
que vai polo pé da serra,  
onde me a mim fêz a guerra  
muito tempo o grande amor,  
me levou a minha dor . . .  
. . . Nisto pôs-se o Sol no ar  
e fêz-se noite escura  
e disse mal à ventura  
e à vida, que não morri.  
E, muito longe de ali,  
ouvi de um alto outeiro  
chamar: Bernardim Ribeiro!  
e dizer: olha onde estás.  
Olhei diante e detraz  
e vi tudo escuridão . . .

*BERNARDIM RIBEIRO*

(Séc. XVI)

---

---

DA «CARTA  
AO SENHOR DE BASTO»

Não me temo de Castela,  
Donde guerra inda não soa,  
Mas temo-me de Lisboa,  
Que ao cheiro desta canela  
O Reino se despvoa.  
. . . Nossos maiores se alguém  
Louvavam, não de senhor,  
Não de rico era o louvor,  
Chamavam-lhe homem de bem  
E ainda bom lavrador.

*SA DE MIRANDA*

(Séc. XVI)

---

---

CONHEÇA A SUA POESIA

---

14

PERO COELHO  
A INÊS DE CASTRO

O que el-rei em ti faz, faz com justiça ..  
Nós o trazemos cá, não com tenção  
De sermos em ti crus, mas de salvarmos  
Este Reino, que pede esta tua morte.  
Nós, que a teu parecer mal te matamos,  
Não viveremos muito: lá nos tens,  
Antes de muito tempo, ante êsse trono  
Do grã Juiz, onde daremos conta  
Do mal que te fazemos. ¿ Não ouviste  
Já das Romãs e Gregas com que esforço  
Morreram muitas só por glória sua?  
Morre, pois, Castro, morre de vontade ..

ANTÓNIO FERREIRA

(Séc. XVI)

De *A Castro*

---

---

CONHEÇA A SUA POESIA

---

15

VILANCETE

Perdigão perdeu a pena,  
Não há mal que lhe não venha.

Perdigão, que o pensamento  
Subiu a um alto lugar,  
Perde a pena de voar  
Ganha a pena do tormento.  
Não tem no ar nem no vento  
Asas com que se sustenha:  
Não há mal que lhe não venha.

Quis voar a uma alta tórre  
Mas achou-se desásado,  
E, vendo-se depenado,  
De puro penado morre.  
Se a queixumes se socorre  
Lança no fogo mais lenha:  
Não há mal que lhe não venha.

LUIS DE CAMÕES

(Séc. XVI)

---

---

CONHEÇA A SUA POESIA

---

16

[ADEUS AOS MARINHEIROS  
EM «OS LUSÍADAS»]

Qual vai dizendo: «Ó filho, a quem eu tinha  
Só para refrigério e doce amparo  
Desta cansada já velhice minha  
Que em choro acabará, penoso e amaro,  
Porque me deixas mísera e mesquinha,  
Porque de mim te vás, ó filho caro,  
A fazer o funéreo enterramento  
Onde sejas de peixes mantimento?»

Qual em cabelo: «Ó doce e amado espôso  
Sem quem não quis Amor que viver possa,  
Porque és aventurar ao mar iroso  
Essa vida que é minha e não é vossa?  
Como por um caminho duvidoso  
Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
Nosso amor, nosso vão contentamento  
Quereis que com as velas leve o vento?»

LUIS DE CAMÕES  
(Séc. XVI)

CONHEÇA A SUA POESIA

---

17

AO DESCONCERTO  
DO MUNDO

Os bons vi sempre passar  
No mundo graves tormentos;  
E, para mais me espantar,  
Os maus vi sempre nadar  
Em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assim  
O bem, tão mal ordenado,  
Fui mau, mas fui castigado.  
Assim que só para mim  
Anda o mundo concertado.

LUIS DE CAMÕES  
(Séc. XVI)

CONHEÇA A SUA POESIA

18

[D. SEBASTIAO E LUSITANIA]

... Aquêlê que com lágrimas pediste  
Quando tão duramente a tenra vida  
Do príncipe seu pai cortada viste,  
Agora nesta sua despedida  
De lágrimas te quis deixar herdeira  
Ou inda a pior mal oferecida.  
Dia cheio de dor, cheio de espanto!  
... Morrestes, cavaleiros esforçados,  
Daquela multidão de bruta gente  
Vencidos não, mas de vencer, cansados!

DIOGO BERNARDES  
(Séc. XVI)

*Das Várias Rimas*

CONHEÇA A SUA POESIA

19

[NÓS E OS ESTRANGEIROS]

Ouvi qualquer estrangeiro  
Falar de seus naturais:  
Dá dêles tão bons sinais  
Que o não tem por verdadeiro.

Falemos de um natural:  
Dizeis faltas que não tem.  
Mente o outro para bem,  
Nós mentimos para mal.

FRANCISCO RODRIGUES LÔBO  
(Séc. XVII)

*Das Éclogas*

SONETO

Meu ser evaporei na lida insana  
Do tropel de paixões que me arrastava.  
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava  
Em mim quási imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana  
Existência falaz me não dourava!  
Mas eis sucumbe natureza escrava  
Ao mal que a vida em sua orgia dana.

Prazeres, sócios meus e meus tiranos,  
Esta alma, que sedenta em si não coube,  
No abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus, ó Deus! Quando a morte a luz me roube,  
Ganhe um momento o que perderam anos:  
Saiba morrer o que viver não soube!

BOCAGE  
(Séc. XVIII)

SAUDADES

Leva este ramo, Pepita,  
De saudades portuguesas;  
É flor nossa, e tão bonita  
Não na há noutras devesas.

... E tem um dote esta flor  
Que de outra igual se não diz:  
Não perde viço ou frescor  
Quando a tiram da raiz.

Só tem um cruel senão  
Que te não devo esconder:  
Plantada no coração  
Tôda outra flor faz morrer.

Não, Pepita, não ta dou...  
Fiz mal em dar-te essa flor,  
Que eu sei o que me custou  
Tratá-la com tanto amor.

ALMEIDA-GARRETT  
(Séc. XIX)

## CONHEÇA A SUA POESIA

---

22

### DO «LIVRO DE AMOR»

... Oh! Como te eu aspiro  
Na ventania agreste!  
Oh! Como te eu admiro  
Nas solidões do mar  
Quando o azul celeste  
Descansa nessas águas  
Como nas minhas mágoas  
Descansa o teu olhar.

Parece-me êste mundo  
Todo um imenso templo!  
O mar já não tem fundo  
E não tem fundo o céu.  
E em tudo o que contemplo,  
O que diviso em tudo  
Ês tu ... êsse olhar mudo ...  
O mundo és tu ... e eu!

JOÃO DE DEUS  
(Séc. XIX)

---

---

44

## CONHEÇA A SUA POESIA

---

23

### NA MÃO DE DEUS

Na mão de Deus, na sua mão direita,  
Descançou afinal meu coração;  
Do palácio encantado da Ilusão  
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais com que se enfeita  
A ignorância infantil, despôjo vão,  
Depus do Ideal e da Paixão  
A forma transitória e imperfeita.

Como criança em lóbrega jornada  
Que a mãe leva no colo agasalhada  
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto,  
Dorme o teu sono, coração liberto,  
Dorme na mão de Deus eternamente!

ANTERO DE QUENTAL  
(Séc. XIX)

---

---

45

CONHEÇA A SUA POESIA

24

[GRAÇA DAS FRUTAS]

... Pois o que a bôca trava com surpresas  
Senão as frutas tónicas e puras!  
Ah! Num jantar de carnes e gorduras  
A graça vegetal das sobremesas!

Jack, marujo inglês, tu tens razão  
Quando, ancorando em portos como os nossos,  
As laranjas com cascas e caroços  
Comes com bestial sofreguidão!...

CESARIO VERDE  
(Séc. XIX)

---

46

CONHEÇA A SUA POESIA

25

SONETO

Não repararam nunca? Pela aldeia,  
Nos fios telegráficos da estrada,  
Cantam as aves desde que o Sol nada,  
E à noite, se faz Sol a Lua cheia.

No entanto, pelo arame que as tenteia,  
Quanta tortura vai numa ânsia alada!  
O Ministro que joga uma cartada,  
Alma que às vezes de Além-Mar anseia:

— Revolução! — Inútil. — Cem feridos,  
Setenta mortos. — Beijo-te! — Perdidos!  
— Emfim feliz! — ? — Desesperado. — Vem!

E as boas aves, bem se importam elas!  
Continuam cantando, tagarelas:  
Assim, António! deves ser também.

ANTÓNIO NOBRE  
(Séc. XIX)

Do Só

---

47



CONHEÇA A SUA POESIA

26

[AMOR A PORTUGAL]

Foi por amor de ti, terra formosa,  
Por te amar com tão fundo sentimento,  
Que fui prêgador e em prosa  
Fiz meus sermões de Admiração ao vento.

Oh Portugal, florida alpendurada  
Sôbre o mar, coisa saudosa...  
Esta é a Pátria ditosa  
Minha amada, minha amada!

AFONSO LOPES VIEIRA  
(Séc. xx)

*Das Ilhas de Bruma*

SELO E TEXTOS

DOS BILHETES POSTAIS DA COLECÇÃO

«CONHEÇA OS SEUS PROSADORES»



CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

I

[A SAUDADE]

**E**a suidade . . . é um sentido do coração, que vem da sensualidade e nom da razom . . . E porém me parece êste nome de suidade tão próprio, que o latim, nem outra linguagem, que eu saiba, nom é para tal nome semelhante.

*EL-REI D. DUARTE*  
(Séc. xv)

*Do Leal Conselheiro*  
sensualidade=sensibilidade

## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

---

2

### [PRÓLOGO DE CRÓNICA]

Se outros per ventura em esta crónica buscam fremeosura e novidade de palavras, e nom a certidom das estórias, desprazer lhe há do nosso razoado . . . , mas nós, nom curando de seu juízo, leixados os compostos e afeitados razoamentos, antepoemos a simprez verdade que a afremosentada falsidade . . . Que lugar nos ficaria para a fremeosura e afeitamento das palavras, pois todo nosso cuidado . . . nom abasta para ordenar a nua verdade?

FERNÃO LOPES  
(Séc. xv)

## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

---

3

### [LOUVOR DA LINGUAGEM]

As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia, e em tantas mil ilhas fora da repartição das três partes da Terra, materiais são e pode-os o tempo gastar; porém não gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras deixarem.

JOÃO DE BARROS  
(Séc. xvi)

*Do Diálogo em louvor  
da nossa Linguagem*

## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

4

### [O INFANTE EM SAGRES]

**E**o que mais animava o Infante nesta empresa foi contar-lhe Gileanes como saíra em a terra sem achar gente, e que, em sinal de não ser tão estéril como as gentes diziam, trazia ali a sua mercê umas ervas que se pareciam com outras que cá no reino chamam rosas de Santa Maria... O Infante as cheirava... como se fôra algum fruto da terra da Promissão...

JOÃO DE BARROS  
(Séc. XVI)

*Das Décadas*

## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

5

### [ENTERRO DE ALBUQUERQUE EM GOA]

**O**s capitães o levaram assentado na cadeira, pôsto sôbre um palanquim, e seu alferes lhe levava a bandeira diante... Cristãos e gentios diziam que Deus o havia lá mister para guerras, e por isso o levava. Todos diziam grandes lástimas, e, quando se achavam agravados, vinham a chamar e bradar por êle, que lhe fizesse justiça...

GASPAR CORREIA  
(Séc. XVI)

*Das Lendas da Índia*

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

6

[PORTUGUESES NO JAPAO]

Diogo Zeimoto tomara por pasatempo atirar com uma espingarda. Os japões, vendo aquêlê novo modo de tiros que até então nunca tinham visto, deram disto rebate ao Nautaquim... ..A derradeira vez que me lá mandou o Vice-Rei..., no ano de 1556, me afirmaram que naquela cidade de Fucheo havia mais de trinta mil [espingardas]. E por aqui se saberá que gente esta é, e quão inclinada por natureza ao exercício militar.

FERNÃO MENDES PINTO

(Séc. xvi)

*Da Peregrinação*

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

7

[NOVAS ESTRELAS]

Os Portugueses ousaram cometer o grande mar Oceano. Entraram por êle sem nenhum receio. Descobriram novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos; e, o que mais é: novo céu e novas estrêlas.

Ora manifesto é que êstes descobrimentos não se fizeram indo a acertar...

PEDRO NUNES

(Séc. xvi)

*Do Tratado em defensão  
da Carta de marear*

DA «HISTÓRIA  
TRAGICO-MARÍTIMA»

... e foi tanta a necessidade da fome que padecíamos, que alguns dos nossos companheiros se foram a Jorge de Albuquerque, ... lhes desse licença para comerem os que morriam. Abriu-se a alma a Jorge de Albuquerque de lástima e compaixão, ... porque, enquanto êle fôsse vivo, tal não havia de consentir, e que, depois dêle morto, podiam comê-lo a êle primeiro.

*(Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil, em 1565)*

[NA SOCIEDADE  
DE MIGUEL ANGELO]

Itália ... sòmente daqueles fala e até o céu alevanta a que chama *águias* ... Nós-outros, os Portugueses, inda que alguns naçamos de gentis engenhos e espíritos, como nacementos muitos, todavia temos por desprêzo e galantaria fazer pouca conta das artes.

Espero, chegando a Portugal, que eu ajude ou na elegância do edificar, ou na nobreza da pintura ...

FRANCISCO DE OLANDA  
(Séc. XVI)

*Dos Diálogos da Pintura Antiga*

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

10

[DEPOISDEALCÁCER-QUIBIR]

No tempo destas vossas grandes tribulações me fêz Deus a mercê, sem lho merecer, de me fazer nesta Berberia participante dos trabalhos dos que, pela glória do seu santo nome, estavam cativos... Cometi esta obra havendo por indústria e muito segrêdo papel e tinta, e escrevendo as mais das vezes sem mais luz que a que entrava por grêtas da porta...

FR. TOMÉ DE JESUS  
(Séc. XVI)

*Dos Trabalhos de Jesus*

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

11

[OS HOMENS E AS SEARAS]

Assim como as espigas quanto mais gradas e carregadas estão tanto mais se abaixam e inclinam, e, pelo contrário, quanto mais leves e vazias estão tanto mais se endireitam e levantam para cima, assim quanto mais cheios estão os homens de virtude e bom saber tanto mais se humilham e abatem, e quanto mais vazios disto estão tanto mais se levantam e ensoberbecem.

FREI HEITOR PINTO  
(Séc. XVI)

*Da Imagem da Vida Cristã*

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

12

[FEITIO DOS PORTUGUESES]

São os portugueses de seu natural tão livres de língua para dizerem o que sentem a seus Reis nas ocasiões de honra, como sujeitos a darem a vida por êles a todo o tempo.

FREI LUIS DE SOUSA  
(Séc. XVII)

*Dos Anais de D. João III*

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

13

[O MODO DE ESCREVER]

Eu tenho para mim que aquela é melhor escritura que, com mais perfeição e viveza, imita a prática e conversação dos homens; porque assim como a melhor pintura é a que mais se parece com a obra da natureza . . . , assim a melhor escritura é a que imita com mais semelhança a fala . . .

FRANCISCO RODRIGUES LOBO  
(Séc. XVII)

*Da Côte na Aldeia*



## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

---

14

### [A SAÜDADE]

Amor e ausência são os pais da saúde; e como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens ocasionam as maiores ausências, de aí vem que onde se acha muito amor e ausência larga, as saüdades sejam mais certas. É a saúde uma mimosa paixão da alma . . . É um mal de que se gosta, e um bem que se padece.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO  
(Séc. xvii)

*Das Epanáforas*

---

---

## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

---

15

### SANTO ANTÓNIO

É se António era luz do mundo, como não haveria de sair da pátria? Saíu como luz do mundo e saíu como português. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tantas terras para sepultura.

Para nascer, Portugal; para morrer, o mundo.

P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA  
(Séc. xvii)

*Dos Sermões*

---

---

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

16

EXCERTOS DE SERMÕES

Os judeus adoram o bezerro de oiro; os cristãos adoram o oiro, ainda que não seja tão pesado como o bezerro.

A natureza, como mãe, desde o rei ao escravo, a todos fêz iguais, a todos livres.

Se servistes a pátria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela, o que costuma.

P.<sup>o</sup> ANTÓNIO VIEIRA  
(Séc. xvii)

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

17

[O HOMEM E O MUNDO]

Que coisa é o homem neste mundo? Comediante no tablado, hóspede na estalagem, uma candeia exposta ao vento, padecente caminhando para o suplício. ¿Que são as honras e dignidades? Essa real: por fora brasões e telas e luzes; por dentro ripas de pinho, e lixo.

P.<sup>o</sup> MANUEL BERNARDES  
(Séc. xvii)

*De Luz e calor*

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

18

DAS «VIAGENS  
NA MINHA TERRA»

Togados manes dos antigos desembargadores, . . . ó respeitáveis sombras, se dêsse limbo onde estais . . . vêdes êste degenerado e espúrio sucessor vosso, em calças largas, fraque verde, chapéu branco, gravata de côr, chicotinho de *caoutchouc* na mão . . . Oh! que direis vós! Com que justo desprezo não olhareis! . . .

ALMEIDA GARRETT  
(Séc. XIX)

---

68

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

19

D. AFONSO HENRIQUES

A simpatia que, em todos os séculos, a gente portuguesa mostrou pelo filho do Conde Henrique, torna-se respeitável . . . Este affecto nacional chegou a attribuir a Afonso Henriques a auréola dos santos . . . Outra religião, também veneranda, a da pátria, nos ensina que, ao passarmos pelo pálido e carcomido portal da igreja de Santa Cruz, vamos saüdar as cinzas daquele homem, sem o qual não existiria hoje . . ., porventura, nem sequer o nome de Portugal.

ALEXANDRE HERCULANO  
(Séc. XIX)

Da *História de Portugal*

---

69

## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

20

### [LOUVOR DOS CLASSICOS]

O natural, o belo simples dos séculos que o senso comum do género humano canonizou e ainda hoje adora por clássicos, afigura-se agora a esta mocidade, não sem talento, mas sem doutrina, sem estudo e sem disciplina, uma pobreza e uma impotência: Impotência de Vergílio! Pobreza de Racine!

A. F. DE CASTILHO  
(Séc. XIX)

Do prefácio duma *Selecta*

---

---

70

## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

21

### DUMA CARTA A UM MÉDICO

Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa neste país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego.

CAMILO CASTELO BRANCO  
(Séc. XIX)

---

---

71

## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

---

22

### [MUSEU NAVAL]

É notória desde o século XVI a aptidão artística que distingue o nosso marinheiro em tôdas as pequenas indústrias de bordo... Com essa fantástica riqueza de documentos marítimos, assombro de todos os outros povos, é verdadeiramente inacreditável que em Portugal não haja um museu naval.

RAMALHO ORTIGÃO  
(Séc. XIX)

*De O Culto da Arte em Portugal*

---

72

## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

---

23

### [OS LIVROS E AS NAÇÕES]

A Arte é tudo — tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a imortalidade de um povo. Leônidas ou Péricles não bastariam para que a velha Grécia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espíritos: foi-lhe preciso ter Aristófanes e Ésquilo. Tudo é efêmero e ôco nas sociedades — sôbre tudo o que nelas mais nos deslumbra. Podes-me tu dizer quem foram no tempo de Shakespeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres?

EÇA DE QUEIROZ  
(Séc. XIX)

*Do prefácio dos Azulejos*

---

73

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

24

HERCULANO

Tornou-se o remorso vivo de uma nação degenerada. É neste momento que as coisas levam o génio de Herculano a definir-se na sua pureza; e é por isso que, ao extinguirem-se-lhe as ilusões políticas, principia a tornar-se um tipo característico da nossa vida contemporânea. Pode dizer-se que, ao morrer para o mundo, nasce para a história.

OLIVEIRA MARTINS  
(Séc. XIX)

*Do Portugal Contemporâneo*

---

74

CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

25

[A CASA PORTUGUESA]

Ah meus amigos! a casa portuguesa merecia bem o trabalho de a ressurgirem do desprezo injusto em que caiu, e ser erguida outra vez, com tradicionais motivos genuínos . . ., nas mil variantes que a fantasia dum artista descobre entre a baiúca alpendrada do rabuzano beirão, vestido de saragoça, e o palácio português do século XVII, de brasão carrancudo . . .

FIALHO DE ALMEIDA  
(Séc. XIX)

*De À esquina*

---

75

## CONHEÇA OS SEUS PROSADORES

26

### [A POESIA E A NAÇÃO]

O Lirismo é para nós a suprema razão do orgulho, da consolação e da fé. O mito nacional do Sebastianismo condensa o lirismo colectivo do povo na sua expressão de esperança sem fim, de que vivemos ainda hoje.

E a própria nacionalidade assenta sobre um Poema que demoraria eterno nos seus ritmos oceânicos, mesmo que nós, descendentes dos Lusíadas que ele canta, desaparecéssemos do atlas moral.

AFONSO LOPES VIEIRA  
(Séc. XX)

*De Em demanda do Graal*

ACABOU DE IMPRIMIR-SE  
EM JANEIRO DE 1948, NAS  
OFICINAS DE BERTRAND  
(IRMÃOS), L.<sup>da</sup>, EM LISBOA